

6/Nov/64

O ESTADO DE SÃO PAULO

“Crise da arte brasileira é igual à europeia”

De volta da Argentina, onde participou do júri do premio “Di Tella” e de passagem pelo Brasil, encontra-se em São Paulo o crítico francês Pierre Restany.

Restany já esteve em nosso País em 1961, quando ficou conhecendo o movimento brasileiro de artes plasticas, principalmente no Rio de Janeiro. Falando deste, o crítico afirmou que, nesses três anos, pôde notar uma baixa de qualidade.

“As coisas acontecem como se o Brasil tomasse consciencia de um estado de subdesenvolvimento, afirmou, dizendo em seguida: “Na escala social e intelectual, os sabios e os tecnicos ocupam os primeiros postos, deixando ao artista aquele de fornecedor especializado”.

Para o crítico francês a crise de nosso movimento principal, o informalismo, assemelha-se á que atravessam os artistas do abstracionismo lirico europeu e do expressionismo abstrato norteamericano.

ESPERANTO

Este estado de falencia de uma arte abstracionista que já tem 50 anos de existencia, segundo pensa Restany, veio da falsa noção que tiveram os artistas de que poderiam alcançar o esperanto das artes.

“A arte, se bem que internacional como mensagem, não o é como tecnica, observa o crítico. Daí a necessidade que hoje existe, entre os artistas, da volta á fonte realista”.

Realismo este que Restany chama de “natureza urbana”.

BIENAIIS

Informa o crítico francês que, graças a seus catalogos, as Bienais de São Paulo são bastante conhecidas na Europa, já que estas permitem ao estudioso a ter uma visão panoramica do que são as amostras internacionais paulistas.

Mas, a despeito das Bienais, Restany acredita que o movimento brasileiro ainda não tem características proprias, estando determinado por influencias principalmente europeias.

Diz o crítico: “Os argentinos são privilegiados, já que possuem uma grande cidade, Buenos Ai-

res. E quando digo grande cidade não me refiro ao numero de seus habitantes ou aos predios construidos, mas sim uma cidade de que tem organização cultural de grande cidade. E’ uma questão sociologica. Isso, ao que me parece, foi determinado pela queda da moeda argentina, que motivou a fixação do artista em Buenos Aires, escapando assim á fascinação da Europa”.

Observou ainda o crítico que já existe uma tradição de continuidade na Argentina, onde o movimento concretista já tem 20 anos.

“Não aconteceu o mesmo com o concretismo brasileiro, antes uma questão de pessoas isoladas e não de movimento. Em todos os dominios da arte argentina, aliás, existe um trabalho de base e uma especie de otimismo, e, quando os homens não estão socialmente felizes, é dificil que façam movimentos. E há também a interferencia da iniciativa privada, financiando arte, como no caso do premio Di Tella e da Bienal de Cordoba”.

COORDENAÇÃO

Acredita o crítico francês que deveria haver maior coordenação entre as iniciativas artisticas brasileiras e argentinas. Os promotores de mostras internacionais nos dois países deveriam facilitar a criticos estrangeiros acesso aos dois países, por ocasião de cada mostra que se realize.

Apesar de concordar que estão certas, no espirito da organização, tanto a Bienal de São Paulo (reunindo obras do mundo inteiro) e a de Cordoba (apresentando artistas latino-americanos), Restany acredita que nelas se faça “demagogia cultural”.

Neste sentido criticou a premiação da Bienal de Cordoba onde, a seu ver, “em nome da fraternidade foi dada uma medalha a um artista de cada um dos países participantes”.

“Esta situação poderia ser corrigida desde que se adotasse o criterio de escolher o artista pela qualidade, e não pelo passaporte. Mas há bienais demais no mundo, e elas nada mais são do que a velha idéia do “salon” francês. Parece-me que seria acertado manter apenas duas grandes mostras internacionais — a de Veneza e a de São Paulo — propondo-se as outras a encontrarem uma idéia original para a exposição, como é o caso da Bienal dos Jovens de Paris e as de gravuras de Liubana e de Toquio”.

Perguntado sobre a “Dokumentata”, de Kassel, o crítico disse ser ela feita especificamente para um publico alemão, servindo “para reafirmar aos proprietarios de galerias o valor de seus acervos”. Ainda assim considera a mostra “orientada, mas bem realizada”.